



# Qual a relação entre Karl Popper e Toxicodependência?

## Uma aproximação conceptual

### Resumo

O autor aplica as ideias de Karl Popper no campo da toxicodependência. Conceitos como: “três mundos”; a necessidade de trabalharmos com hipóteses; o valor e o carácter de falsificação de uma teoria científica são levados em conta frente aos desafios sempre crescentes da prática com os toxicodependentes. Por último, são avaliados os limites da teoria do conhecimento de Popper.

Palavras-chave: ideias de Karl Popper; toxicodependência, “três mundos” e teoria científica.

### Resumé

L'auteur applique les idées de Karl Popper sur la toxicodépendance: Concepts comme: “trois mondes”; la nécessité de travailler avec des hypothèses; le valeur et le caractère de falsification d'une théorie scientifique sont ici pris en compte devant les défis toujours plus grands en pratique avec les toxicodépendants. Finalement, les limites de la théorie de la connaissance de Popper sont évaluées.

Mots clé: idées de Karl Popper; toxicodépendance; “trois mondes” et théorie scientifique.

### Abstracts

The author use Karl Popper ideas in the field of the addiction. Concepts as: “three worlds”; the need to work with hypothesis; the value and the characteristic of the forgery about scientific theory are considered against the challenges always increasing in the practice with addicts. Finally the limits of Popper's theory of knowledge are discussed.

Key words: Karl Popper's ideas; addiction; “Three worlds” and scientific theory.

## I - Introdução

Recentemente assisti a um debate entre dois ilustres e renomados professores de Psiquiatria que versava sobre os desafios da toxicodependência. Um deles, após um desabafo público sobre as dificuldades

encontradas ao tratarmos estes doentes, mostrava-se céptico quanto às possibilidades existentes de fazermos frente a estes desafios visto que, por exemplo, um aumento significativo da apreensão de droga não acarretou uma diminuição do problema, sem contar com outros factos como o retorno do toxicodependente, após um período de tratamento, ao seio de famílias disfuncionais, sem contar com o facto de que a partir da comprovação neuro-química da origem das toxicodependências (tendo por base as suas referências bibliográficas) não possuímos no momento, uma maior margem de manobra terapêutica frente a desafios sempre em crescente.

Em suma: temos nas mãos um trabalho hercúleo mas instrumentos sisifianos.

Fiquei com tais questões (utilizando uma boa expressão da nossa língua) encaifadas e dei por mim, durante alguns dias, a pensar na obra de Karl Popper. Acto contínuo lá estava eu a compulsar notas e os livros de tão ilustre autor, logo este pequeno texto ganhou corpo.

## II – Popper e os três mundos

Sir Karl Popper, que nos deixou em 1994, iniciou a sua vida intelectual pertencendo ao chamado Círculo de Viena, encabeçado por Schlick e formando uma corrente de pensamento chamada de Empirismo lógico ou Neopositivismo.

Com o passar do tempo Popper afasta-se das ideias desta corrente, principalmente no que diz respeito aos critérios de verificação experimental das ciências.

Popper defende que o conhecimento é concebido dentro dos limites da crítica e da racionalidade. Esses são os seus dois pilares, o restante - uma posição que lembra Descartes - é visto pelo autor como um palavreado sem sentido.

A primeira questão de importância que se nos apresenta

Nivaldo Duarte de Marins  
Mestre em Psiquiatria pela  
Faculdade de Medicina do  
Porto  
Médico Psiquiatria do  
Centro Hospitalar Conde  
Ferreira





é: qual a posição de Popper frente ao “quadro do mundo” ou de uma maneira mais clara, como é que ele se posiciona diante da complexidade do real? Qual a sua linha metodológica?

Diagnos que Popper é um pluralista, admitindo que o mundo consiste de pelo menos três sub-mundos ontologicamente distintos. Seguiremos muito de perto a sua pena e saberemos que:

- a) o primeiro é o mundo material, ou o mundo dos estados materiais;
- b) o segundo é o mundo mental, ou o mundo dos estados mentais;
- c) o terceiro é o mundo dos inteligíveis ou das ideias no sentido objectivo. É o mundo dos objectos de pensamento possíveis, o mundo das teorias em si mesmas e de suas relações lógicas, dos argumentos e das situações de problemas em si mesmos.

Vale a pena debruçar-nos sobre o terceiro mundo. Ele é muito mais do que uma metáfora ou um produto do espírito humano. Em termos de conhecimento objectivo “entramos” no terceiro mundo quando vislumbramos o universo das bibliotecas, dos livros, bem como quando a nossa atenção é despertada e mantida por um relato verbal ou tradição oral.

Aceitando esta visão tripartida de Popper — ou do seu trialismo como advoga o Prof. Pio de Abreu (2000) — temos que nos voltar para as relações causais entre esses três mundos.

Os três mundos relacionam-se de tal modo — e este é um aspecto crucial na construção de Popper — que o segundo mundo interage com o primeiro e com o terceiro, ou seja, a partir deste “mundo-chave” que é o segundo, o primeiro e o terceiro são conectados. Vejamos dois exemplos. O primeiro de carácter geral

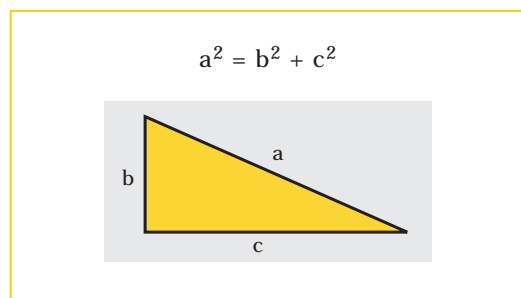


Figura 1.

e o segundo filiado no campo da toxicodependência. Ao observarmos a figura 1, vemos um desenho feito com um dado instrumento e percebemos um teorema (estamos na companhia de Pitágoras).

Desenho e teorema estão associados graças à minha mente, ou respectivamente, o primeiro e o terceiro mundos estão coligados por acção do segundo.

O terceiro mundo — o das teorias matemáticas e científicas — exerce imensa influência sobre o primeiro mundo (só percebemos isso quando através da reflexão, ou se quisermos uma categoria filosófica: o espanto, permitimo-nos olhar o mundo de outra forma. Pense nisso na próxima vez que a porta do aeroporto, de forma mágica, se abrir diante de si).

No terceiro mundo existe um carácter de autonomia. Vejamos o que nos diz Popper aquando de uma conferência na Universidade de Emory, ao discorrer sobre os problemas que surgirão no desenvolvimento da geometria e da aritmética, (é de notar que estes dois campos do saber já existiam antes mesmo de cruzarmos duas linhas rectas num plano) “... tais problemas existem, independentemente da consciência que temos deles, mas podemos descobri-los no mesmo sentido em que descobrimos outras coisas novas, como por exemplo, partículas elementares ou montanhas e rios desconhecidos”. No campo da toxicodependência poderíamos gizar o seguinte: a guerra contra o terrorismo (aqui envolvendo ideias, argumentos e concepções do terceiro mundo) influenciou o mercado de heroína na Europa (o volume da droga nas transacções comerciais no primeiro mundo) com reflexos no estado mental dos toxicodependentes (mais ansiosos, preocupados — aspectos do segundo mundo).

Da mesma forma a opção de uma determinada terapêutica também passa pelo crivo destas três instâncias. A opção de um tratamento com Buprenorfina implica uma determinada concepção da toxicodependência (terceiro mundo) e necessita ser instrumentalizada concretamente (ex: determinada dosagem dos comprimidos – primeiro mundo) para que os estados mentais sejam alterados (segundo mundo).

### III – Rumo aos problemas

Gostaria de ressaltar um outro aspecto da construção filosófica de Popper. É o que diz respeito à forma pela qual o autor vislumbra o conhecimento do mundo.



Existem aqui duas versões que merecem a nossa atenção. A primeira é denominada por Popper (1975) de “teoria do balde da ciência”, ou “teoria do balde mental”. E em que consiste? O ponto crucial desta doutrina é de que antes de podermos conhecer ou dizer qualquer coisa a respeito do mundo que nos rodeia, devemos ter tido percepções ou melhor, experiências de sentidos. Estas percepções podem ser acumuladas (Locke) ou assimiladas, ordenadas, classificadas (Bacon e Kant).

Mas existe um outro caminho.

Na ciência o papel crucial é desempenhado pela observação e não pela percepção; porém, a observação é um processo activo em que tomamos parte. Uma observação, tal e qual uma exploração de uma terra desconhecida é planeada e preparada. Toda a observação nasce a partir de um problema, de uma teoria, de uma hipótese.

Para enveredarmos pelo difícil campo da toxicodependência usamos como “bússolas” um determinado modelo. Toda a observação parte de um horizonte de expectativas. O explorador que vai observar uma terra estranha, espera (tem expectativas) encontrar determinados elementos (recentemente esperávamos encontrar água em Marte). Graças à experiência estas expectativas são confirmadas ou não (encontramos água em Marte). Nada melhor que as palavras de Popper (1975) “... podemos caracterizar uma expectativa como uma disposição para reagir, ou como um preparativo para uma reacção, que se adapta (ou que se antecipa) a um estado do ambiente ainda por vir”.

Possibilidades, expectativas, problemas, soluções devem ser integrados num determinado modelo que auxilie os nossos utentes a fazer frente às dificuldades (de diferentes matizes) que enfrentam; para tanto o esquema utilizado por Popper (1975) vem em nosso auxílio. Assim temos:  $P_1$  TE EE  $P_2$  onde  $P_1$  representa o problema de partida (que pode ser índole prática ou teórica); TE é a teoria experimental, proposta e destinada a resolver o problema; EE significa o processo de eliminação de erros por meio de ensaios ou discussões críticas e  $P_2$  representa os problemas finais, os que emergem das discussões e dos ensaios.

É importante reter que este esquema diz-nos que o conhecimento parte de problemas e desemboca em novos problemas.

Vale a pena notar duas características deste esquema:

1.  $P_1$  é muitas vezes uma questão prática, mas também pode ser teórica. O mesmo acontece com  $P_2$ ;
2. este esquema é aplicável tanto ao conhecimento objectivo como ao subjectivo.

A aplicação deste esquema estaria relacionado não só a problemas quotidianos dos toxicodependentes, bem como a questões mais amplas que envolveriam, por exemplo, a assistência aos utentes. Tomemos por acaso a complexa e bastante discutida questão das salas de injeção assistida. Poderíamos partir de um dos seguintes pontos de vista:

1. uma preocupação fundamentalmente empirista reduzindo o conteúdo do nosso conhecimento desta matéria a determinações perceptíveis. Abriríamos mão de poder existir uma intuição intelectual. É certo que um empirista radical poderia lembrar-nos o famoso aforisma de Locke, de que existe uma diferença entre um homem que sonha estar sendo queimado numa fogueira e um homem que realmente está sendo queimado (com todo o humor inglês).

Mas a experiência sensível poderia seguir um outro caminho, e assim:

2. passarmos a um posicionamento que defende a concepção de que só podemos atingir através da experiência o facto singular através de operações lógicas e expressas pela linguagem. Seguindo este caminho alcançaríamos certas ligações sistemáticas, abrindo espaço para um saber universal;
3. mas a experiência também pode ser vista através de uma óptica denominada conceitualista. O ponto central aqui é o facto de que o dado perceptivo já engloba um conteúdo de significação. Japiassu (1991) lembra-nos, “...em outras palavras, há uma actividade intelectual que nos permite aprender através da tessitura dos conteúdos sensíveis, as formas inteligíveis por meio das quais esses conteúdos tornam-se acessíveis ao conhecimento e significantes para nós”.

Estas três concepções encontram no pensamento de Popper um ponto de reflexão, que poderia ser resumido em duas questões de peso:

1. como posso eu construir uma teoria científica





a partir de observações em número sempre finito?  
2. como estabelecer a verdade de uma teoria a partir apenas de bases observacionais?

Chamo a atenção que tais questões se encontram de forma latente, quando apoiamos ou não uma política de redução de danos, por exemplo.

Parto da ideia que temos que possuir um determinado critério para avaliação das teorias que existem por detrás das nossas práticas. O critério é nos dado por Popper quando defende que devemos preocupar-nos com o “valor” das teorias científicas, ou seja com o grau de confiança que podemos depositar nas teorias. A nossa dúvida é: o que pode justificar a nossa crença na possibilidade de um determinado comportamento ser sempre o mesmo? Ou utilizando uma linguagem mais filosófica (mas não menos compreensível), qual a justificação que possuímos para podermos lançar mão de nossas inferências indutivas?

Será que a partir dos dados empíricos criamos um enunciado universal? Ou dizendo de outra forma, será que eu tenho em mãos critérios que permitirão verificar a exactidão de uma teoria?

Não gostaria que o leitor visse tais indagações como estranhas ao mundo quotidiano ou a factos que observa. Não causaria estranheza a constatação que no campo da toxicodependência poderíamos encontrar várias teorias rivais (até os deuses não se entendem, imaginem nós, pobres mortais). Frente a teorias em choque, em que o embate é levado a extremos, uma determinada postura de Popper poderia ajudar-nos.

Popper defende a ideia de que devemos abrir mão da verificação e vislumbrarmos o carácter de falsificação de uma teoria. Explicando melhor e ampliando: frente a teorias que se encontram em choque, a melhor é aquela que:

- a) puder indicar, à priori, um facto ou uma experiência capaz de abalar ou refutar as bases da teoria;
- b) for testável, ou seja capaz de resistir aos testes realizados.

Em suma, a hipótese mais vantajosa para nós, não é aquela que possua a maior chance de ser falsa, mas aquela que, pela sua forma lógica, for capaz de nos fornecer as melhores possibilidades de podermos refutá-la (via testagem) e torná-la falsa.

## IV – Conclusão

Acredito que as ideias de Karl Popper expressas neste artigo, poderiam ter ajudado aqueles dois ilustres professores de Psiquiatria, quando debatiam fervorosamente os seus pontos de vista.

Em conclusão, acho que os seguintes pontos de vista devem ser enfatizados:

- 1. A interpretação que fazemos de um determinado facto não nasce de uma “pura” observação, mas é realizada a partir de um referencial teórico.
- 2. O conhecimento científico — necessário no campo específico da toxicodependência — jamais atinge uma verdade objectiva absoluta. Temos que aceitar que o nosso conhecimento é provisório.
- 3. Não devemos esquecer que a ciência trabalha a partir de pontos de vista que necessitam ser testados a cada passo.

A “cada passo” fez-me lembrar a imagem de uma malabarista ao equilibrar-se sobre uma titubeante corda colocada no alto do picadeiro. O olhar da malabarista é fixo no seu ponto de chegada (poderíamos aplicar o esquema que nos leva de P<sub>1</sub> a P<sub>2</sub>) e passa a ser impulsionado ora pela dúvida, ora por uma certeza algo vaga, à semelhança do que ocorre no final de cada consulta, quando a porta se fecha.

## BIBLIOGRAFIA

- 1. ABREU, J.L.Pio (2000). O Tempo Aprisionado. Coimbra. Quarteto Editora.
- 2. JAPIASSU, H. (1991). Introdução ao Pensamento Epistemológico. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora.
- 3. POPPER, K. (1975). Conhecimento Objectivo. Belo Horizonte, Itatiaia Editora.
- 4. POPPER, K. (1996). O conhecimento e o Problema Corpo-Mente. Lisboa, Edições 70.